

Estudos Anglo-Americanos], Coimbra, APEAA, 1989, p. 67).

O autor deste belo estudo sobre influência poética, hoje jubilado, foi durante anos professor de Literatura Inglesa na Universidade de Brown. Mais recentemente, tem tido uma colaboração activa com o departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da mesma universidade. Aliás, como muitos dos seus colegas portugueses muito bem sabem, George Monteiro, além de ter publicado um grande número de livros e artigos sobre literatura inglesa e americana, é também autor de ensaios muito pertinentes e úteis sobre literatura portuguesa, e é ainda um pessoano ilustre, como tal altamente respeitado dos dois lados do Atlântico. Um tema que lhe é tão caro a ele como a mim própria é a relação de Pessoa com a tradição poética anglo-americana. Um ensaio muito importante sobre um tema controverso, intitulado «Pessoa and the Whitman Anomaly», apareceu recentemente num número especial sobre Fernando Pessoa da revista americana *Indiana Journal of Hispanic Literatures* (Fall 1996).

George Monteiro é também tradutor de Pessoa e poeta ele próprio. Quem de futuro queira alargar o campo desbravado por *The Presence of Pessoa* terá de ter em conta a sua poesia. *The Coffee Exchange* (Providence, R. I.: Gávea-Brown, 1982) é um conjunto de poemas escritos em Lisboa em 1980-81, na sua maior parte compostos em toalhas ou guardanapos de papel em diversos restaurantes portugueses. O poema que cito a seguir na íntegra (em tradução minha) contém uma das muitas referências do volume ao «velho parasita»:

Quantos poemas
escreveu Pessoa
na toalha de papel do
Café Três Montanhas?
Nenhum, claro; as toalhas eram
de pano nessa altura,
ou então não havia toalhas.

Por isso o velho parasita
vinha equipado,
papel e caneta
no bolso para impressionar
os habitués
tivesse ele poema a
fervilhar ou estivesse só
de cabeça baixa a fingir o mesmo.

Maria Irene Ramalho

151

Darlene J. Sadlier, *An Introduction to Fernando Pessoa: Modernism and the Paradoxes of Authorship*. Gainesville, Florida: UP of Florida, 1998. xiv + 168 pp.

Como o livro de George Monteiro apreciado acima demonstra com clareza, Fernando Pessoa é desde há muito uma «presença» constante no mundo de expressão inglesa. Muitos poetas de língua inglesa se foram rendendo à maestria inventiva da sua poesia e se deixaram fascinar pela sua ficção heronímica. A obra de Pessoa tem sido amplamente traduzida em inglês de formas diversas. Estudiosos de poesia e poética falantes de inglês, para além daqueles que são principalmente especialistas de Literatura Portuguesa, mostram-se cada vez mais interessados pela sua obra multifacetada. E existem já em inglês introduções excelentes sobre a vida e a obra do poeta modernista português, não raro prefaciando selecções importantes da sua poesia em tradução inglesa. Uma das mais bem conseguidas dessas introduções é a que Richard Zenith, poeta americano e talentoso tradutor e intérprete de Pessoa, escreveu para a sua nova colectânea pessoana *Fernando Pessoa & Co., Selected Poems* (New York: Grove Press, 1998).

E contudo, a investigação pessoana em inglês não teve ainda expressão substantiva que se possa considerar marcante.

Com efeito, a acrescentar à enorme abundância de livros escritos em Português, quer em Portugal quer no Brasil, sobre a obra de Pessoa vista dos ângulos mais variados, a crítica pessoana internacional tem-se expressado de forma mais sugestiva em outras línguas que não o inglês. Um facto que não deixa de suscitar alguma perplexidade, tanto mais que a tradição poética anglo-americana podia bem reclamar Pessoa como um dos seus poetas mais distintos. Se bem que nascido em Portugal, Pessoa foi educado em escolas inglesas na África do Sul e era um profundo conhecedor da literatura inglesa. Entre os inúmeros poemas que escreveu em inglês contam-se os que atribuiu a Alexander Search, um dos seus primeiros heterónimos. Trata-se de uma série de poemas da juventude que apontam para uma procura de identidade poética que tudo tem a ver com a língua inglesa. Além disso, Pessoa considera-se herdeiro (por mais problemática que seja esta herança) tanto do império português como do império britânico, e as raízes da sua poesia mergulham por igual na literatura portuguesa e na tradição anglo-americana.

É certo que os poemas ingleses de Pessoa, em particular os sonetos shakespeareanos, têm uma tonalidade um tanto rígida e antiquada, e pouco nos dizem da originalidade espantosa da sua melhor poesia escrita em português. Talvez seja por este motivo que Darlene Sadlier evita tratar dos poemas «ingleses» nesta sua *Introdução a Fernando Pessoa*. Omissão mais difícil de entender, num livro de apresentação do poeta e que ao mesmo tempo se diz preocupado com «O modernismo e os paradoxos da autoria», é o *Livro do desassossego* do «semi-heterónimo» Bernardo Soares. É certo que Sadlier se refere ao *Livro* no seu último capítulo, mas só para nos dar conta da polémica que nos últimos anos se gerou à volta da sua publicação sob a responsabilidade de especialistas diversos, e sugerir assim que o *Livro* repre-

senta exemplarmente a impossibilidade de uma «edição definitiva» de toda a obra de Pessoa.

O último capítulo do estudo de Sadlier, onde o problema da autoria e da autoridade textual é teorizada («Text versus Work: Constructing and Deconstructing a National Poet»), traça um quadro interessante e bem recheado de factos da cena pessoana actual no nosso país (sem excluir a coscuvilhices, as invejas e os remoques da crítica literária). Mas quer-me parecer que aos leitores de poesia moderna falantes de inglês suscitaria muito mais interesse a questão da identidade poética tal como o *Livro* a coloca. O *Livro do desassossego*, também porque Bernardo Soares é um semi-heterónimo (não chega a ser um *outro* nome), é a outra face da ironia exibida pela disseminação heteronímica. A verdade é que o *Livro* encerra a teoria e a prática da «lírica» como sendo a impossibilidade da expressão de uma identidade poética coerentemente identificável.

Ao abordar sucintamente a produção multifacetada de Pessoa no seu todo, o livro de Sadlier não deixará por certo de encorajar os seus leitores de língua inglesa a prestarem um pouco mais de atenção à poética inovadora do poeta modernista português, e a colocá-lo de vez no mapa dos modernismos poéticos. O primeiro capítulo trata dos poemas da juventude com alguma novidade e faz sugestões valiosas sobre as origens mais remotas dos heterónimos. O segundo ocupa-se das implicações políticas e ideológicas da estética pessoana no contexto do nacionalismo português e futurismo europeu no virar do século. Seguem-se quatro capítulos sobre os quatro principais heterónimos (Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e o próprio Fernando Pessoa). Desconsola um pouco verificar que *Mensagem*, o poema modernista de Pessoa *par excellence*, que de resto não pode de ânimo leve considerar-se uma «homenagem» a Camões, por mais «indirecta» que seja (p. 127), mereça tão pouca

atenção no livro de Sadlier. Alguma informação sobre o contributo de Pessoa para a teorização do modernismo poético e das modernas concepções de poesia lírica seria também muito bem vinda. No início do século XX, o Ocidente foi testemunha do surgimento de uma poética *impessoal* de «objectividade», designadamente em Pound e Eliot, que melhor se designaria, paradoxalmente, como *peçoana*. É pena que *An Introduction to Fernando Pessoa* acabe por deixar nos seus leitores, seja «o público mais vasto do mundo falante de inglês», seja «o especialista de literatura portuguesa» (p. 2), a impressão de que este livro de Darlene Sadlier não chega a ser nem uma modesta «introdução a Fernando Pessoa» nem uma discussão criticamente estimulante do «modernismo e os paradoxos da autoria».

Maria Irene Ramalho

Xavier Greffe, *La gestion du patrimoine culturel*. Paris: Anthropos, 1999, 253 p.

Com um vasto *curriculum* em investigação e publicações no domínio da economia pública, Xavier Greffe voltou-se, nos anos 90, para uma área da ciência económica em crescente expansão: a economia da cultura. *La gestion du patrimoine culturel* é o reflexo de preocupações teóricas e de dilemas económicos constatados em trabalhos anteriores como, por exemplo, *La valeur économique du patrimoine* (Paris: Economica, 1990), *Sociétés post-industrielles et redéveloppement* (Paris: Gallimard, 1993) e *Économie du patrimoine* (Paris: École Nationale du Patrimoine, 1998).

Neste trabalho, o autor começa por confrontar a abordagem convencional do património com as novas perspectivas da economia da cultura. A uma visão

que realça a importância do património enquanto herança que é necessário preservar e transmitir às gerações futuras — ainda que essa tarefa não seja pautada por critérios de rentabilidade económica —, Greffe opõe as correntes da economia da cultura que salientam as dimensões e os efeitos económicos do património. Directa ou indirectamente, através do turismo cultural, dos projectos de renovação urbana, dos mercados da arte e do artesanato, o património cria novas actividades económicas, rendimentos e emprego. O lugar e o papel que as sociedades pós-industriais lhe reservam, as normas e as convenções que alargam e diversificam o campo patrimonial conferindo-lhe as características dos bens que são produzidos e consumidos, a crescente imbricação com o léxico e os modelos da economia e o desenvolvimento de formas específicas de gestão e de promoção, levam o autor a defender a imprescindibilidade de olhar o património como uma actividade económica capaz de criar novas fileiras e novas formas de emprego no conjunto da economia, e não como sector de emoção e de lazeres de uma comunidade que quer preservar a sua memória e identidade.

A adopção desta nova abordagem exige, contudo, dois cuidados especiais que os fundamentalismos económicos nem sempre souberam salvaguardar. Por um lado, se é pertinente realçar as dimensões e os efeitos económicos do património, não é menos necessário destacar as funções e os serviços sociais que ele preenche e que desempenha. Por outro lado, é necessário garantir que a lógica cultural não seja substituída por uma lógica economicista e mercantilista. Compreender o relacionamento e as dependências entre a economia e a cultura implica, por exemplo, que a racionalidade económica não seja o principal factor de arbitragem entre opções culturais.

A valorização do património e das actividades do património cultural pelas sociedades avançadas contemporâneas é parte